

sempre são verdadeiras. Com efeito, não são verdadeiras na maioria dos casos, e, em alguns, são o oposto direto da verdade histórica. Conforme os senhores verão, essa descoberta está fadada, mais que qualquer outra, a desacreditar tanto a análise, que chegou a tal resultado, como os pacientes, em cujas declarações se fundamentam a análise e todo o nosso entendimento das neuroses. Existe, contudo, mais alguma coisa singularmente desconcertante em tudo isso. Se as experiências infantis trazidas à luz pela análise fossem invariavelmente reais, deveríamos sentir estarmos pisando em chão firme; se fossem regularmente falsificadas e mostrassem não passar de invenções, de fantasias do paciente, seríamos obrigados a abandonar esse terreno movediço e procurar salvação noutra parte. Mas, aqui, não se trata nem de uma nem de outra coisa: pode-se mostrar que se está diante de uma situação em que as experiências da infância construídas ou recordadas na análise são, às vezes, indiscutivelmente falsas e, às vezes, por igual, certamente corretas, e na maior parte dos casos são situações compostas de verdade e de falsificação. Às vezes, portanto, os sintomas representam eventos que realmente ocorreram, e aos quais podemos atribuir uma influência na fixação da libido, e, por vezes, representam fantasias do paciente, não talhadas para desempenhar um papel etiológico. É difícil achar uma saída nesses casos. Talvez possamos iniciar por uma descoberta semelhante — ou seja, a de que lembranças infantis isoladas, que as pessoas têm possuído conscientemente desde os tempos imemoriais e antes que houvesse qualquer coisa semelhante à análise [pág. 240, acima], podem igualmente ser falsificadas, ou, pelo menos, podem combinar verdade e adulteração, em abundância. No caso destas, raramente existe qualquer dificuldade em demonstrar sua inexatidão; assim, ao menos temos a garantia de saber que a responsabilidade por esse inesperado desapontamento não está na análise, e sim, de algum modo, nos pacientes.

Após alguma reflexão facilmente poderemos entender o que é que existe nessa situação que tanto nos confunde. É o reduzido valor concedido à realidade, é a desatenção à diferença entre realidade e fantasia. Somos tentados a nos sentir ofendidos com o fato de o paciente haver tomado nosso tempo com histórias inventadas. A realidade parece-nos ser algo como um mundo separado da invenção, e lhe atribuímos um valor